

Contribuição para a compreensão da religião e variações da cultura material do povo Kashuiéna¹

Gottfried Polykrates
Birkerød, Dinamarca
Outubro de 1951

POLYKRATES, G. Contribuição para a compreensão da religião e variações da cultura material do povo Kashuiéna. R. Museu Arq. Etn. 37: 76-91, 2021.

Resumo: Neste texto, escrito em homenagem póstuma ao antigo diretor do Museu Goeldi, Walter Alberto Egler, Polykrates apresenta informações gerais não apenas sobre os índios então nominados como Kashuiéna, mas também traça um panorama dos demais povos e sua distribuição pelo interflúvio Trombetas-Mapuera-Nhamundá e pela fronteira com a então Guiana Inglesa. Em seguida, descreve aspectos da vida ritual dos Kashuiéna com base nas informações obtidas em suas estadias na região, diretamente com piases (pajés) desse grupo, e discorre brevemente sobre alguns itens da cultura material e vestimentas (antigas e então em uso), de homens e mulheres, com ênfase nos estojos penianos masculinos e saias femininas (de fibras e de miçangas).

Palavras-chave: Rio Cachorro; Katxuyana; Cultura material; Xamanismo; Guianas.

O presente artigo é dedicado à memória do dr. Walter Alberggo Eglers [sic] que, como diretor do Museu Paraense Emilio Goeldi, nos ofereceu valiosa ajuda durante as expedições dinamarquesas e, em 28 de agosto de 1961, faleceu durante uma expedição científica nas corredeiras do rio Jari.

Até os últimos anos, a literatura etnográfica desconhecia a grande região sul-americana que se estende desde o sul da Guiana Inglesa até o rio Amazonas. A região compreende a bacia do alto Essequibo e a parte noroeste do estado brasileiro do Pará (região de Mapuera-Trombetas-Nhamundá). Para nossa sorte, foram realizadas três expedições científicas entre 1954 e 1959.

A primeira dessas expedições (Yde-Fock 1954-55) foi enviada pelo Museu Nacional da Dinamarca, de Copenhague, e seus fundos providos pela Fundação Pública para as Ciências em Geral. Essa expedição tinha como tarefa principal estudar os índios Waiwái. A segunda expedição (Polykrates-Söderberg 1957) foi realizada por iniciativa e com fundos privados. Seu objetivo era estudar os Kashuiéna da região do médio Trombetas. A terceira expedição (Yde-Polykrates 1958-59), também enviada pelo Museu Nacional com financiamento da Fundação para as Ciências, tinha como objetivo investigar toda a bacia do Mapuera e do Nhamundá e visitar novamente os índios Kashuiéna no rio Cachorro, um dos afluentes à direita do rio Trombetas.

Durante as duas últimas expedições que me levaram aos índios Kashuiéna, tive a

1 Tradução: Sayuri Arakawa.

oportunidade de me ocupar durante alguns meses da cultura dessa tribo e, entre outros, montar uma coleção que foi admitida no Museu Nacional, em Copenhague.

A seguir, procuro tratar da religião dessa tribo, assim como de algumas variações na cultura material dos Kashuiéna em comparação com outras tribos do Karib.

Antes de iniciar esse trabalho, gostaria de relatar o histórico das últimas expedições, o que seguramente é de muito interesse.

A expedição foi empreendida por dois motivos:

1. estabelecer conexões comparativas com materiais dos vizinhos ao sul dos Waiwái e ao norte dos Kashuiéna;

2. pelo estudo da publicação de P. Frikel (*Anthropos* 52/1957), concluímos que encontraríamos nessa região um sem-número de tribos que ainda não haviam sido descritas, além de elementos como endocanibalismo e grupos do tipo caçador-coletor. O trabalho de pesquisa com essas tribos poderia, portanto, levar a novas descobertas.

Iniciamos nossa expedição em Kanashén, uma aldeia indígena dos Waiwái formada com o estabelecimento de uma missão americana, e suas tribos vizinhas, localizadas na parte sul da Guiana Inglesa, no alto do rio Essequibo. A tarefa dos missionários então era reunir todos os índios da região da Guiana Inglesa.

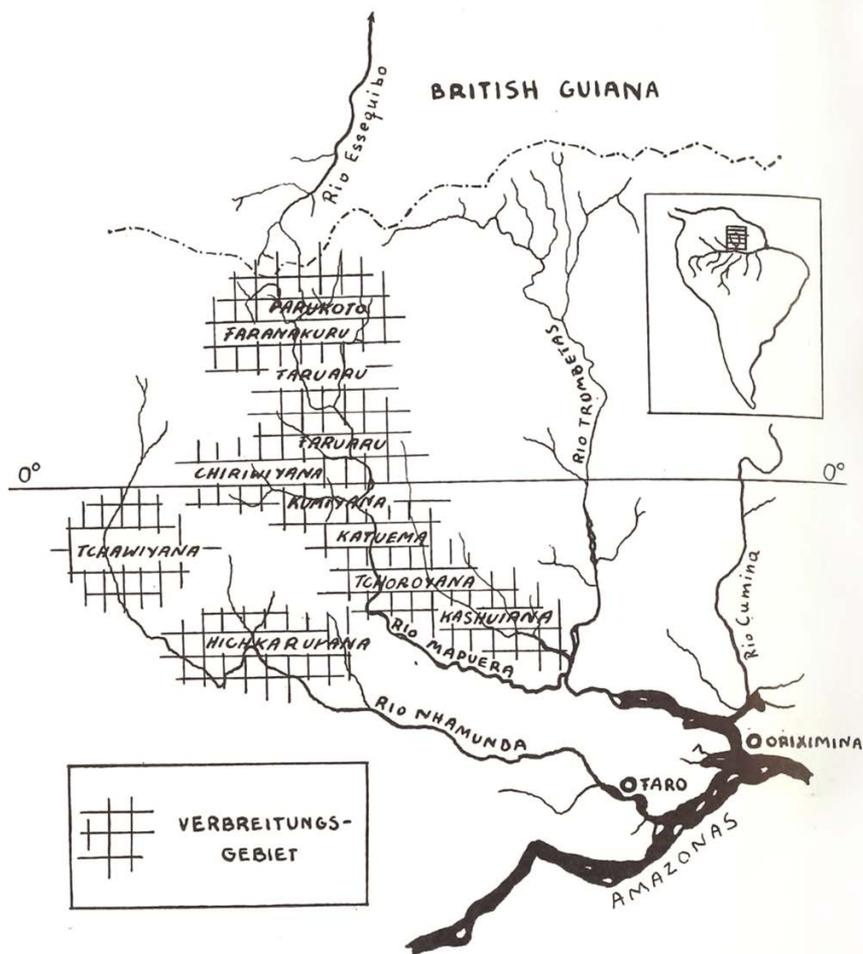


Fig. 1. Área de distribuição das tribos visitadas quase anualmente por Protasius Frikel de 1949 a 1955.

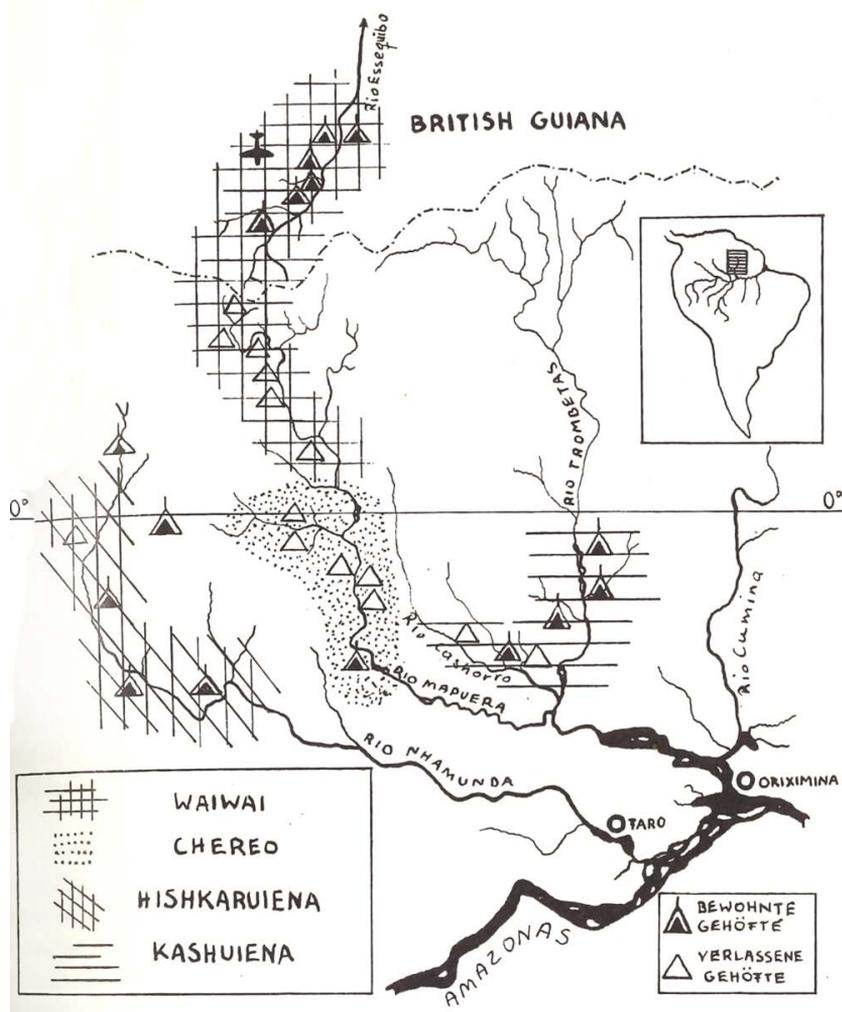


Fig. 2. Área de distribuição das tribos encontradas pela expedição dinamarquesa 1958-1959, com marcação de aldeias habitadas e algumas áreas abandonadas.

Como guia e ajuda para a expedição, havia uma equipe formada por indígenas de diferentes tribos, o que nos possibilitava a comunicação com as diferentes tribos que iríamos encontrar. A esse grupo pertenciam dois homens da tribo Tiriyo, um Hixkaryána, um Wapixana, um Mawayána e três Waiwái.

Além dos Waiwái, Tiriyo, Hixkaryána e Kashuíena, nossa lista de visitas contava com outros, “visitados ou encontrados quase anualmente” por Frikel entre 1949 e 1955 nos rios Mapuera, Nhamundá e Cachorro:

- Xiriwana: no rio Acari, afluente do Mapuera equatorial;

- Faranakarú: no alto Mapuera e Tumumu;
- Faruarú: no alto e médio Mapuera;
- Katuena: no médio Mapuera, Cachorrinho, Acari;
- Kumiyána: no Acari;
- Parukotó: no Mapuera, Cachorrinho, Tumumu e Nhamundá;
- Chawiyána: no alto Nhamundá;
- Tchoroayána: no Mapuera, Cachorrinho (ver Fig. 1 e 2).

Além disso, havia um grande número de grupos indígenas não visitados por Frikel, mas sobre os quais ele deixara informações.

A visita a essas tribos e grupos indígenas, nos quais esperávamos encontrar de 400 a 500 indivíduos, lamentavelmente não nos proporcionou nada durante todo o percurso do Mapuera e afluentes, a não ser um encontro com Tiriýós; sete pessoas em uma aldeia chamada Fashki, na metade do curso do rio. A tribo dos Tiriýó foi dispersa cerca de um ano antes da nossa chegada e seus membros, por volta de 45 pessoas, foram assimilados em parte pelos Hixkaryána no Nhamundá e em parte pelos missionários dos Waiwái na Guiana Inglesa. Logo após nossa visita, os sete indígenas que encontramos e nossa equipe que voltava para o território Waiwái também perderam seu povoado, de forma que toda a bacia do Mapuera se encontrava então desabitada.

No Nhamundá, não encontramos nenhuma tribo além dos Hixkaryána, visitados em três aldeias (Porteira, Mutum, Kasava), exceto uma quarta aldeia, Witsháro, localizada na área de floresta entre o Nhamundá e o rio Acari, pois a maioria dos habitantes já havia sido encontrada na Cachoeira Paraíso (no curso equatorial do rio) durante uma de suas coletas de peixes. Uma quinta aldeia localizada na nascente, a dois dias de

viagem rio acima, Watkuwó, também não foi visitada, pois seus habitantes estavam abrindo uma clareira na cachoeira Paraíso para se realocarem ali. Por fim, no rio Cachorro e seus afluentes, viviam somente os Kashuiéna quando da nossa visita. De acordo com eles e nossos acompanhantes brasileiros, não foram encontrados outros índios naquela região (nessa parte da expedição, fomos guiados pelos “caboclos”² da cachoeira Porteira do Trombetas, que cortam cedros e estão em busca de balata e vivem distantes dois dias e meio da aldeia Kashuiéna principal).

Encontramos um índio Katuena (tribo mencionada por Frikel) em Kanashén com os Waiwái. Ele relatou que havia brigado com o tio e, por isso, deixara sua aldeia. Sua tribo deveria viver na área florestal entre o Mapuera equatorial e o rio Cachorrinho, o que correspondia às coordenadas de Frikel. Mas esse Katuena nunca ouvira nada sobre os Kashuiéna ou o rio Cachorro. Também devo mencionar que esse Katuena era um homem de 1,81 cm e, com isso, o maior indígena que eu já havia visto.

2 [N.T.] A palavra brasileira “caboclo”, entre outras, é incorporada pelos etnólogos em seus relatos.



Fig. 3. Cajados de curandeiro *tomómo*. Kashuiéna. Da esquerda para a direita: H 4582, 4583, 4581, 4601.

Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

Pode-se pensar que o artigo de Frikel na revista *Anthropos* nos colocara frente a um enigma cuja solução nos interessaria muito, principalmente após as tentativas fracassadas de encontrar qualquer um dos grupos indígenas a partir de suas coordenadas.

Jens Yde escreveu mais sobre esse tema na monografia *Material Culture of the Waiwái* (Cultura Material dos Waiwái), que será publicada em breve³ e na qual estão documentados os nomes de todas as diversas aldeias abandonadas dos Waiwái e Tiriyo no Mapuera e seus afluentes.

Os índios Kashuiéna, tribo Karib, habitam a região do baixo Trombetas, ou seja, da linha do Equador até abaixo da cachoeira Porteira, na foz do Mapuera. Na tribo, que em 1957 era composta por 62 indivíduos (Polykrates, Ethnos 1957:34), habitam quatro povoados (infelizmente, não tive oportunidade de conferir esse dado em 1958-1959).

3 A obra de Jens Yde a que se refere o autor, *Material Culture of the Waiwái*, foi publicada pelo National Museum of Copenhagen em 1965, na Série Etnográfica X. [N.E.]

Na literatura aparecem diversas descrições (nomes) para essa tribo, como Cashuána, Kaschiána, Kashúyana, Caxiuána etc. Os Kashuiéna do rio Cachorro se denominam atualmente Kashuiéna, enquanto seus companheiros de tribo do rio Trombetas são chamados Kahiána ou Kahuiána. Essa diferença se explica pelo fato de que o Trombetas é chamado de Kahú na língua local (Frikel 52/1957) (Polykrates, Ethnos 1957:34), portanto, o povo do Trombetas. Quanto ao nome Kashuiéna, tudo indica que deriva de *kashúro* (cachorro) *iána*, Kashuiána. É preciso lembrar que Kahiána, Kashuiána e Kachúyana (não encontrei os últimos no local informado por Frikel. Estarão extintos?) não formam um subgrupo dos Uarikiéna (Warikyána, Arikéna), conforme indicado por Frikel, mas uma tribo própria, cujos membros são denominados de acordo com a localidade do povoado (por exemplo, moradores do Reno etc.). Os Kashuiéna chamam com frequência seus companheiros de tribo moradores do igarapé Iaskuri (afluente direito do Trombetas, acima do Cachorro) de Iaskuriéna.



Fig. 4. Caixa trançada *puáhua* de um curandeiro dos Kashuiéna. Contém os instrumentos utilizados durante os rituais. H 4591.

Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

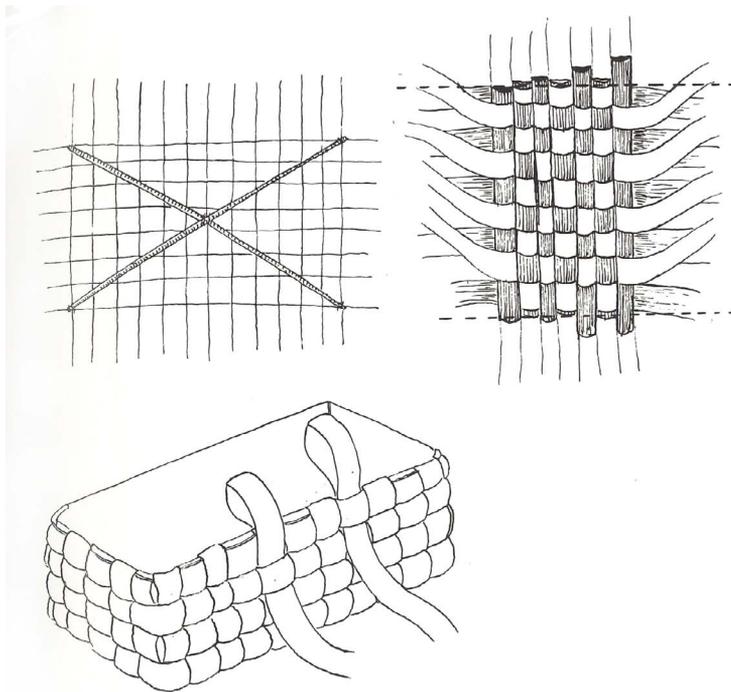


Fig. 5. Diversas fases da produção da caixa *puáhua*.

Religião

Não há nada conhecido sobre a religião dos índios Kashuíéna que possa levar a algum resultado concreto. Muito antes de se tornar objeto de estudo, os Kashuíéna já haviam sido visitados pelos primeiros missionários da região, e há décadas estão em contato com a civilização, através da qual sua visão religiosa foi fortemente influenciada. Restaram poucos elementos essenciais da sua própria noção de religião. Durante minha primeira estada com eles, ficou claro que se tratava de uma crença em um deus superior, sendo que Purá é essa entidade que também criou os Kashuíéna. “Quando a Terra foi criada, Purá criou os homens”. Mas eles não souberam explicar quem criou a Terra, se foi Deus ou outro, um desconhecido, sem nome. Como não consegui chegar a nenhum resultado após minha primeira visita, mencionei esse capítulo superficialmente em meu artigo na *Ethnos* 1957. Durante minha segunda estada com eles, a questão da religião se tornou mais impenetrável, pois as informações que havia recebido

antes se contradiziam em parte, e em parte coincidiam com o relatório de Kruse (50/1955), o qual dizia que Purá havia entalhado os homens na madeira. Se as declarações de dois pajés estavam de acordo com esse relato, por outro lado, quatro outros pajés afirmaram que Purá buscou o primeiro homem no Sol, que também é um homem (Kruse também chama o Sol de homem), para trazer à Terra; e a primeira mulher, ele a retirou da Terra, que também é uma mulher.

Não existe nenhum outro material disponível para aprofundamento sobre esse tema, e eu poderia adicionar somente pequenos fragmentos de diferentes narrativas que, mesmo em versões modificadas, ainda se aproximariam do relatório de Kruse (exceto um apanhado geral das tribos do norte do Pará por Frikel, 52/1957 e Haekel, *Purá und Hochgott* [Purá e o deus superior], XIII, 1959). Uma vez que agora a tarefa é verificar novamente todo o material disponível, deve-se atentar aos comentários de Kruse. Tomando tais declarações como base, é preciso levar em consideração que existem aí

elementos da religião cristã que demonstram indubitavelmente uma reconstrução da crença dos Kashuíena, o que está ocorrendo nos últimos tempos. Isso pode ser percebido em:

“Purá tem olhos azuis”, algo que os Kashuíena com certeza observaram nos missionários (brancos), que vieram a eles como representantes da religião;

Mu'rá também é chamado de Pedro, e, desta maneira, foi feito apóstolo de Deus;

“Os enfeites no peito e orelhas de Purá são de miçangas”, que chegaram há apenas 100 anos nessa região;

Purá entalhou não somente os índios, mas também “as nações dos negros e dos brancos”;

A divisão dos dias de trabalho com um “dia de descanso”;

Mu'rá fez “animais de estimação para os brancos”;

“Os negros se miscigenarão com os brancos e seus filhos aprenderão com eles”.

Nada nesse sentido ou parecido com isso já foi ouvido em outras tribos Karib ou entre a maioria dos índios das florestas.

Como resolução, deve-se também considerar que, por um lado, o relatório

de Kruse certamente esconde elementos da religião primitiva dos Kashuíena. Por outro lado, essa crença se modificou com o tempo e se adaptou à nova religião pregada (processo no qual Kruse representou um papel essencial). Isso não é difícil de entender, já que Kruse recebeu as informações de um Kashuíena (Atití) que vivia há mais de 20 anos com os brancos, portanto, brasileiros católicos, e foi batizado e frequentador assíduo da igreja. Tampouco é difícil contar aos índios Kashuíena sobre o mundo e os homens, pois quase todos os homens da tribo falam um excelente português já há mais de uma década. De acordo com meu entendimento, no que se refere à concepção religiosa, os Kashuíena também sofrem de um complexo de inferioridade em relação aos caboclos, os quais frequentemente tomam como exemplo e tentam imitar. No que diz respeito à cultura material, a dos caboclos não é superior à sua própria, e eles estabeleceram um ativo comércio de mercadorias com artigos que os caboclos gostam de comprar dos Kashuíena para utilizar no dia a dia (espremedores de mandioca, peneiras de mandioca, flechas, arcos e redes).

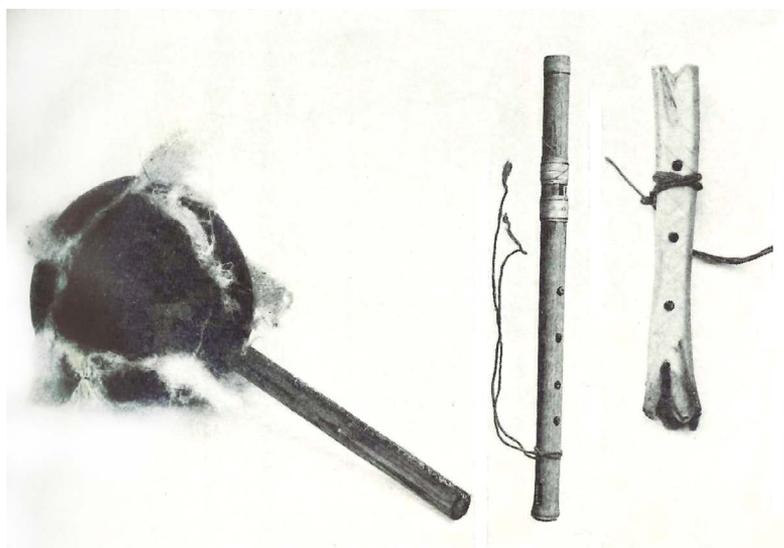


Fig. 6. Instrumentos musicais utilizados pelo curandeiro em seus rituais. Kashuíena. a) Chocalho *maráka* pintado com *onômto* (urucum, *Bixa orellana L.*) e com penas de águia coladas, H 4597; b) flauta de osso *wuríwuri*, H 4580.

Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

Com frequência, pude perceber que as respostas às minhas perguntas sobre religião acabavam sempre na direção da crença cristã, isso quando não desembocavam diretamente nela. Eu mesmo já tive que demonstrar rituais e toda espécie de magia, ou participar de diversos tipos de evocações dos *piases* (pajés) na floresta, de modo que consegui ao menos experienciar isso.

Se aceitarmos o material de Kruse, considerarmos como verdadeiras as declarações recentes dos Kashuiéna sobre sua religião (atual), e adicionarmos o material de comparação das outras tribos habitantes da mesma região, tão bem compilado por Haekel, resulta que a base da religião Kashuiéna é formada por

um sistema monoteísta de deus superior, que existe paralelamente a um sistema panteísta, cujos elementos contêm as forças da natureza, que já não podem ser explicadas (se, no entanto, essa é a forma primitiva, é algo em aberto; minha opinião é que se trata de uma crença num herói cultural). Essas forças, que podem ser tanto boas quanto más, representam os espíritos cuja ação sobre os homens varia conforme o caso. O *piase* tem um contato estreito com esses espíritos e sua tarefa é acalmá-los por meio de seus rituais ou fazê-los considerar bem os homens em primeiro lugar. Como se pode imaginar numa vida primitiva, há uma enorme quantidade desses espíritos. Deles, os mais importantes já foram descritos por mim na revista *Ethnos* 1-2/1961.

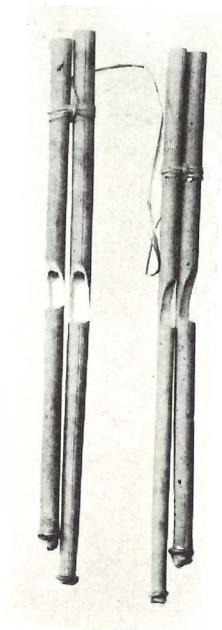


Fig. 7. Flauta dupla de palha sése, utilizada pelo curandeiro em seus rituais. H 4596.

Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

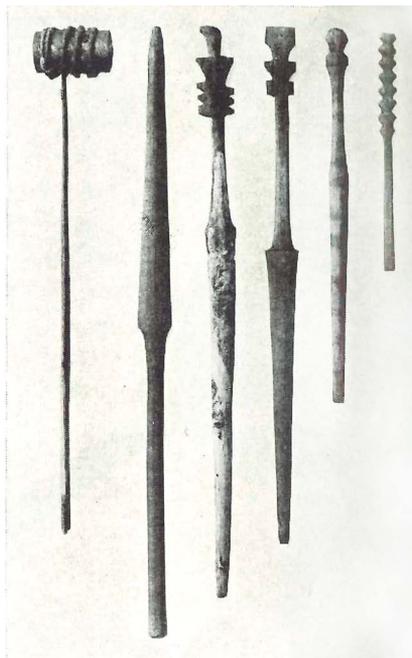


Fig. 8. Gravetos de pintura dos Kashuíena. Da esquerda para a direita: H 4585, 4589, 4590, 4587.
Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

O *piase* parece se entender bem com eles, mas se comunica somente em segredo, reservadamente, e não gosta de fornecer informações sobre o assunto, ainda mais quando outros homens de sua tribo estão presentes. Os rituais são realizados em um local específico da floresta, nas imediações da aldeia, durante os quais os outros índios se mantêm respeitosa e à distância. É também estritamente proibido

visitar os *piases* durante os rituais. Essas cerimônias consistem em danças concomitantes com exclamações e toque de flauta, por meio do qual se tenta entrar em transe. Para isso, também é essencial fumar tabaco, assim como aspirar grãos de paricá (*Piptadenia peregrina*) torrados e moídos (Polykrates, Ethnos 1957:3-4). Nas cerimônias, são utilizados diversos tipos de objetos, cuja descrição fazemos a seguir.



Fig. 9. Saiote de miçangas dos Kashuíena com estampa de meandros. H 4540.
Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

É importante mencionar aqui que o *piase* nunca é o intermediário entre deus e a alma humana, atuando somente entre a forma material e os espíritos dos homens.

Em primeiro lugar, os pajés são normalmente encontrados na floresta, na região vizinha à aldeia, ou em um grupo fechado, quando se trata de uma festa, ou solitários, quando se trata de curar uma doença. Os locais utilizados para a realização dos rituais parecem ser fixos, pois durante minha visita as cerimônias aconteceram em dois pontos.

O *piase* vaga durante a manhã, após ingerir seu desjejum, até o local do ritual, equipado com sua rede, uma caixa trançada retangular sob os braços e seu cajado de pajé, *tomómo*, na mão. Há quatro tipos de *tomómos* (Ethnos 1957, 3-4). Eles são feitos de ipê-amarelo (*Tabebuia serratifolia* Vahl.; *Tecoma heptaphylla* Mart.), *pragma*. Em média, esses instrumentos têm um metro de comprimento e cerca de 3 cm de diâmetro e são providos de uma cabeça de animal entalhada (Fig. 3). São vistos como extremamente sagrados – se é que se pode utilizar essa palavra – e não é sem temor que se manuseia esse objeto, uma vez que o animal (espírito) entalhado no cajado pode se vingar e causar uma desgraça, como me foi dito quando eu quis comprar um deles. Os outros índios nunca tocam esses objetos. Mantimentos não são levados, e o *piase* não come ou bebe nada durante todo o tempo que dura o ritual, o que sempre leva um dia inteiro, até voltar faminto à aldeia, à noite.

Quando chega ao local do ritual, ele pendura primeiramente sua rede, então enterra ao seu lado a parte inferior do *tomómo*, em forma de ponta, e, por fim, abre sua caixa trançada (Fig. 4).

Essa caixa, *puáhua*, é trançada com tucumã (*Astrocaryum tucumã*), *purí*, e fechada com uma tampa do mesmo material. Ela é composta por duas caixas iguais, uma maior que a outra, que se encaixam perfeitamente uma dentro da outra. A fabricação da caixa ocorre do seguinte modo: após partir as folhas do tucumã em tiras de cerca de 2 cm de largura, deve-se trançá-las de duas em duas, formando

um retângulo do tamanho da caixa desejada. Em seguida, de canto a canto do retângulo, colocam-se dois gravetos em forma de X (Fig. 5, acima, à esquerda), que devem ser presos aos cantos e no meio com uma corda. Do *jarakutpó*, nervura das folhas de babaçu (*Attalea* sp.), cortam-se várias varetas com o comprimento e a largura da futura caixa, planas e com cerca de 1 cm de largura. Estas serão introduzidas na base quadrangular pronta da caixa, entre as folhas trançadas (Fig. 5, acima, à direita), de forma que elas não sejam vistas nem da parte interna, nem da parte externa da caixa. Quando as paredes da caixa estiverem sendo trançadas, essas varetas serão introduzidas a cada nova fileira trançada, de forma que a caixa fique estável e resistente. Quando a caixa tiver alcançado a profundidade desejada, é utilizada uma corda bem fina de cipó (cerca de 2 mm) sobre a qual se fecha o trançado. As tiras das folhas são trançadas sobre essa corda de cipó para dentro da caixa (Fig. 5, abaixo).

Então, o *piase* remove da caixa – que assim como o cajado, nunca foi tocada por mais ninguém – seu conteúdo misterioso e necessário para o ritual. Primeiro, aparece um pedaço de tecido vermelho. Este pode ser de algodão por ele mesmo tecido e tingido com *onónto*, urucum, ou ainda comprado dos brasileiros. O *piase*, sentado na sua rede bem presa, estica esse pano à sua frente, no chão. Sobre ele, são colocadas folhas de tabaco – que não provêm de cultivo próprio, mas são negociadas com os vizinhos do norte, os Pianokotós –, algumas tiras de cascas secas de imbiriba (*Eschweilera* sp.) – certamente para enrolar o cigarro –, um chocalho, *maráka* (Fig. 6), alguns pedaços de ossos – cuja função e a que animal pertencem ainda desconheço –, uma flauta de bambu (Fig. 6), uma flauta de ossos (Fig. 6), ambas chamadas *wuríwuri* –, e uma flauta de bambu dupla ou tripla, *sése* (Fig. 7) – cerca de 12 cm de comprimento e 6 mm de diâmetro. São deixados na caixa vários gravetos para pintura *onomtátche* (Fig. 8), utilizados para pinturas de rosto – estes são cortados à mão do *prágma* (madeira de arco) –, assim como algumas pequenas cabaças para a tinta de pintar o rosto –, que são deixadas na caixa, uma vez que não constituem instrumentos especiais para o ritual.

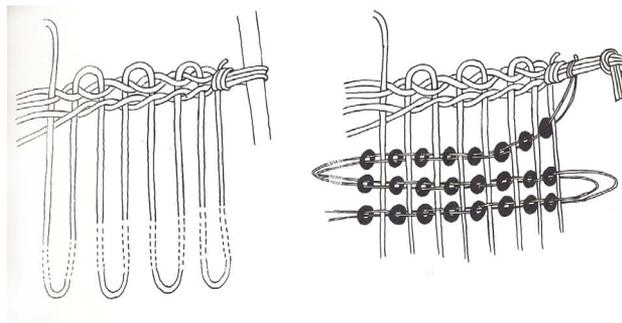


Fig. 10. As duas fases do trançado de miçangas

Enquanto o *piase* fita a cabeça entalhada do seu *tomómo*, ele canta uma canção na qual emula ora uma voz masculina, ora uma voz feminina, ao mesmo tempo em que traga seu charuto. O final das palavras é arrastado. Não consegui anotar a melodia em notas, já que era uma melodia falada.

Tampouco foi possível traduzir a canção, pois a ajuda do *piase* foi negada, mas ela deve conter o nome *otreinóktú*, o que significa “dê-me tabaco para enrolar um charuto”. O tabaco é chamado de *tamtariri* pelos Kashuiéna, palavra que aparece claramente no texto. Durante o canto, o *piase* enrolou um pedaço de charuto que começou a fumar somente no final da canção, ao mesmo tempo que fitava o ar, absorto. Após fumar o primeiro cigarro, ele pegou a flauta de bambu, *wuriwuri*, e começou a tocar uma melodia chamada *tuejuinuené*, que deve significar “Canto do pássaro”.

Essa melodia igualmente monótona, como todas as canções ou execuções em flauta, o que é natural ao se considerar as flautas de pã primitivas de quatro furos. As notas da flauta cobrem aproximadamente a escala retratada na Fig. 11.



Após terminar essa melodia, que leva um tempo bastante longo (repetição ininterrupta, provavelmente de acordo com a vontade de quem toca), fuma-se outro charuto, para então empunhar novamente a flauta e tocar outra melodia, mais melódica e menos monótona. Ela é chamada de *katraruêne*, mas o *piase* não pôde me fornecer mais detalhes.

Ela está registrada na página 85⁴.

Também após terminar essa melodia, há uma pausa para o fumo e para fitar o ar, absorto.

Finalmente chega a vez do chocalho, *maráka*, cabaça (*Crescentia cujete*) e a pequena flauta de bambu, cujo som estridente é ouvido intermitentemente. Chocalho e flauta são tocados

no tempo, enquanto o *piase* bate o pé direito no chão, com o tronco curvado, dançando para lá e para cá em círculo, em volta de si mesmo. Por meio dessa dança, ele deve entrar em transe, ascender ao céu e receber do Urubu, *kurúmu* (*Sarcoramphus papa*), o medicamento desejado para a respectiva doença, ou incorporar os bons ou maus espíritos em festas (*Ethnos* 1957, 34).

Gostaria de adicionar que, segundo o relato de um pajé, o Urubu morreu há centenas de anos e subiu aos céus junto com Purá. Os urubus de hoje, *kurújana*, são sucessores dele e fazem a comunicação entre o *piase* e o Urubu que mora no céu.

Infelizmente, durante minha estadia, não consegui obter autorização para participar de todos os rituais e, por isso, não presenciei nenhum *piase* entrar em transe.

4 O autor se refere à numeração do original. Aqui, nesta publicação, a figura está na página X. [N.E.]



Fig. 13. Sem título

Cultura material

Passando agora para o tema da cultura material, talvez seja importante começar com a fabricação do saiote de miçangas, *menénho*, pois nesse trabalho foi observada uma disposição têxtil que, até onde eu saiba, não é descrita pela literatura.

Roth (Bureau of Ethnology, Ann. Report 1916-17; Washington 1924) descreve detalhadamente uma forma de fabricação dos saiotes de miçanga própria dessa região. A forma descrita por ele está disseminada por todo o planalto das Guianas e não apresenta variações significativas, a não ser diferentes estampas, entre as quais os meandros são as mais comuns (Fig. 9). Para os Kashuiéna, a forma ortodoxa de tecer o saiote de miçangas não é estranha, e chega até mesmo a ser

dominante. Mas aqui na aldeia principal *Ochtsháto*, no rio Cachorro, também existe outra forma especial de tecer, sobre uma placa de madeira nas dimensões 40 × 70 × 2 cm.

Não é possível afirmar com segurança se essa disposição têxtil simples – que é, contudo, mais difícil na manipulação – representa uma forma primitiva ou se trata-se de uma descoberta local. De acordo com os Kashuiéna, sempre foram utilizadas as duas formas e eles não souberam dizer qual havia aparecido primeiro.

O sistema de linhas, como na forma ortodoxa de tecelagem do saiote de miçangas, é montado sobre a mencionada tábua, que contém uma borda de 0,50 cm de largura à qual fica atado, e em uma das mãos, de onde pendem várias linhas soltas (Fig. 10, à esquerda), ou sobre a tábua. As miçangas são enfiadas em uma linha dobrada, em diagonal,

de forma que, em cada fileira, uma miçanga seja trançada alternadamente acima e abaixo de ambas as linhas. Desse modo, cada fileira de miçangas permanece fixa no meio da linha em diagonal, dobrada e trançada (Fig. 10, à direita).

Na fabricação do saiote utiliza-se o material usual, *maúmu*, algodão, assim como cerca de 3 mm de miçangas, *arguête*, que são as preferidas.

Ainda de maior importância são duas peças de roupas que foram incluídas na coleção e que representam a forma primitiva de vestuário dos Kashuíena. Frente à minha pergunta, se eles sabiam que vestimentas eram usadas antes dos saiotes de miçanga e cintas, o cacique fez dois modelos para mim. Trata-se de um bojo para pênis e um saiote de fibras.

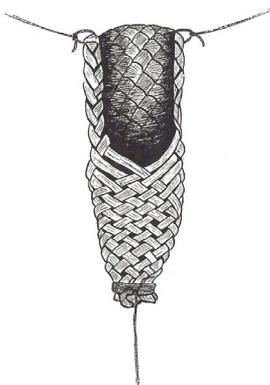


Fig. 14. Modelo de bojo para pênis, Kashuíena. H 4562.
Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

O bojo para pênis, *tchúrmani* (Fig. 14) é de especial interesse. Em toda a América do Sul é possível encontrar algo parecido somente entre o grupo dos Parintintin do rio Madeira e os Aipo-Sissí (*Taipe-Chichi*; *Raipe-Chichi*) do alto Tapajós (Nimuendajú, Handbook, V.3, S. 295, e Journal de La Société des Américanistes, Paris 1924, N.S.T. XVI, S. 201-278).

O bojo para pênis dos Kashuíena tem 24 cm de comprimento e 5,5 cm de diâmetro. Na parte de baixo, ele toma uma forma cônica (Fig. 14). O material com o qual é produzido é o *purí*, tucumã (*Astrocaryum tucumã*). Todo o estojo é trançado de tal forma que o lado voltado para o corpo tem uma fenda até a sua metade, grande o suficiente para conter também os testículos. O bojo é preso ao redor do corpo com um barbante de crauá. Da ponta de baixo também sai um barbante, que é passado entre as pernas e puxado até o barbante do ventre, e ali amarrado (Fig. 15).

A diferença dos estojos penianos dos Parintintin está no material utilizado e na forma de fabricação. Eles utilizam doze folhas

de arumã (*Ischnosiphon*), todas dobradas em conjunto (Fig. 13). O estojo dos Parintintin tem de 25 a 40 cm de comprimento, de acordo com Nimuendajú. A coleção do Museu Nacional de Copenhague conta com uma peça de 25,5 cm de comprimento e 3 cm de diâmetro.

Será possível estabelecer uma conexão entre essa similaridade da vestimenta dos Kashuíena e dos Parintintin? Os Kashuíena viveram outrora no curso principal do Amazonas, nos arredores de Santarém, onde se encontra a foz do Tapajós. Ali eles entraram em contato com os índios Tupi. Também é possível observar elementos da língua Tupi na língua dos Kashuíena, apesar de eu não dispor de material suficiente para afirmar isso com segurança, uma vez que a formação técnica no campo da Linguística me falta completamente. Portanto, não seria impossível que, durante as excursões das diversas tribos na época do descobrimento, os Kashuíena e os Aipo-Sissí tivessem estabelecido um contato estreito e tomado a forma de vestimenta um do outro, ou até as modificadas.

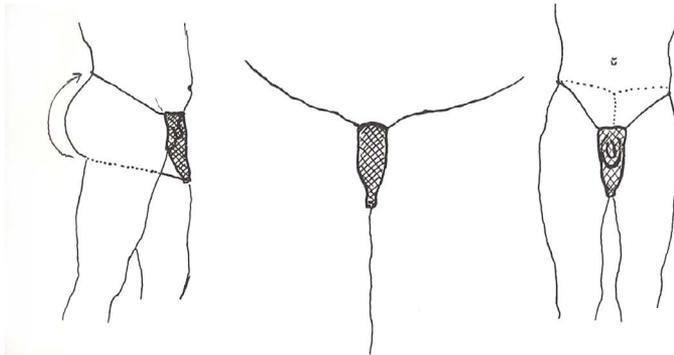


Fig. 15. Como vestir o bojo de pênis.

O saioite (Fig. 17) é chamado de *menénho* na língua local, da mesma forma que é chamado o saioite de miçangas. Ele é confeccionado de casca de árvore *totkó*, castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*), que são amaciadas, separadas em fibras e trançadas a um barbante de crauá dobrado (Fig. 15). Ele tem 22 cm de comprimento e

19 cm de largura. O barbante de crauá dobrado serve para fixar as folhas e também para prender o saioite ao ventre. O comprimento e a largura podem ter variado de acordo com o tempo em que se vestiu a peça, pois, como já foi mencionado, trata-se de um modelo, e não de um objeto de uso do nosso tempo.

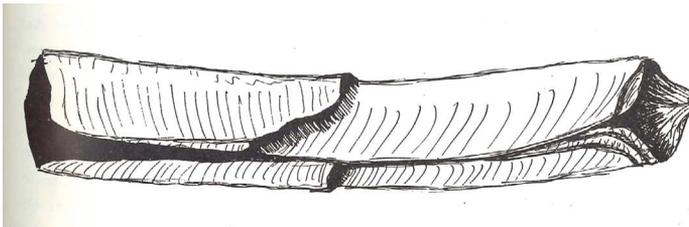


Fig. 16. Estojo peniano dos Parintintin. H 1772.
Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.



Fig. 17. Saiote de fibras das mulheres Kashuíéna. Era usado antes dos saioites de miçanga. H 4539.
Fonte: Museu Nacional da Dinamarca.

Se essas peças foram realmente utilizadas algum dia pelos Kashuíéna, isso deve ser ainda estudado. Mas dificilmente pode se duvidar disso, pois de que outra forma o cacique Kashuíéna saberia como sua tribo se vestiu um dia, e de onde ele teria o conhecimento técnico para produzir um modelo?

Assim, lanço a pergunta: em que época os Kashuíéna utilizavam o estojo peniano e saíotes de fibra, ou melhor, quando eles pararam de utilizar essas formas de vestimenta e, em vez delas, passaram a vestir saíotes de miçanga e faixas? Para que um índio tenha a memória clara da fabricação, ele deve tê-la visto em algum lugar ou com seus pais, o que não poderia ser este caso, pois o cacique me contou que sua mãe já usava um saíote de miçanga e seu pai, uma faixa amarrada.

Em vez disso, ele afirmou que aprendeu com seu pai, que mostrou a ele as vestimentas que seus pais utilizavam. A partir do fato de que os Kashuíéna receberam miçangas há mais de 60 anos dos seus vizinhos do norte, os Pianokotós, é possível que eles tenham se vestido até então com saíotes de fibra e bojos de pênis e, depois do primeiro contato com os Pianokotós, tenham adotado a nova forma de vestimenta, caso os Pianokotós se vestissem naquele tempo com faixas amarradas. A falta de indicação da literatura sobre o estojo peniano dos Kashuíéna pode ser explicada pelo fato de que as vestimentas tenham se tornado objeto de estudo apenas recentemente e que os pesquisadores, como Coudreau, somente chegaram a essa região quando esse tipo de acessório já havia sido abandonado.

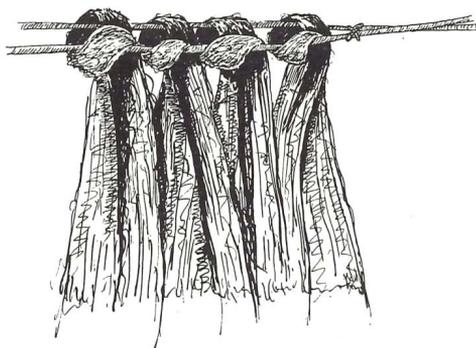


Fig. 18. O tipo de fabricação do saíote de fibras.

POLYKRATES, G. Contribution to the understanding of religion and variations in the material culture of the Kashuíéna people. *R. Museu Arq. Etn.* 37: 76-91, 2021.

Abstract: In this text, written as a posthumous tribute to the former director of the Goeldi Museum, Walter Alberto Egler, Polykrates presents general information about the then-called Kashuíéna people and provides an overview of other peoples, as well as their distribution through the interfluvial areas of the Trombetas-Mapuera-Nhamundá rivers and the border with then English Guiana. Then, Polykrates describes aspects of the Kashuíéna's ritual life, based on information directly obtained with piases (shamans) of the group during their stays in the region. He also discusses items of material culture and clothing of both men and women, focusing on male pen cases and female skirts, made of fibers and beads.

Keywords: Cachorro river; Katxuyana; Material culture; Shamanism; Guianas.

Referências bibliográficas

- Frikel, P. 1957. Zur linguistisch-ethnologischen Gliederung der Indianerstämme von Nord-Pará (Brasilien) und den anliegenden Gebieten. *Anthropos* 52: 509-563.
- Haekel, J. 1958⁵. Purá und Hochgott. *Archiv für Völkerkunde* XIII: 25-50.
- Nimuendajú, C. 1924. Os índios Parintintin do rio Madeira. *Journal de la Societé des Americanistes* 16: 201-278.
- Nimuendajú, C. 1948. The "Parintintin" between the upper Tapajóz and Sao Manoel Rivers. In: Steward, J. H. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Smithsonian Institution, Washington, v. 3, 295.
- Kruse, A. 1955. Purá, das höchste Wesen der Arikéna. *Anthropos* 50: 404-416.
- Polykrates, G. 1957. Ein Besuch bei Indianern am Rio Trombetas. *Ethnos* 22: 128-147.
- Polykrates, G. 1961. Beiträge zur: Anthropologie, Ethnografie und Sprachforschung der Kashuíéna Indianer sowie Akkulturationserscheinungen. *Ethnos* 26: 56-74.
- Roth, W. E. 1924. An introductory Study of the Arts, Crafts, and Customs of the Guiana Indians. In: *Thirty-eighth Annual Report of the Bureau of American Ethnology, 1916-1917*, Washington, 25-74.

5 O autor menciona o ano de 1959, mas no portal da Biblioteca Digital Curt Nimuendajú localizamos o ano de 1958. [N.E.]